



JOANA GORJÃO HENRIQUES

RACISMO EM PORTUGUÊS

O LADO
ESQUECIDO
DO COLONIALISMO

Posfácio de Miguel Bandeira Jerónimo

L I S B O A
TINTA-DA-CHINA
M M X V I

NOTA: as reportagens e as entrevistas aqui registadas foram publicadas no jornal *Público*, e decorreram entre Março e Setembro de 2015. As datas, idades e espaços temporais referidos devem ter em conta esse facto. Os documentários realizados por Frederico Batista no contexto deste projecto são aqui oferecidos em DVD, e podem ser vistos em <http://www.publico.pt/racismo-em-portugues>

© 2016, Joana Gorjão Henriques
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Racismo em Português —
O lado esquecido do colonialismo*

Autora: Joana Gorjão Henriques
Posfácio: Miguel Bandeira Jerónimo
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Junho de 2016

ISBN 978-989-671-322-5
Depósito Legal n.º 410292/16

CRÉDITOS DO DVD

Direcção: Joana Gorjão Henriques
Realização: Frederico Batista
Imagem: Frederico Batista
e Ricardo Rezende (Angola)
Ilustrações e Cenários: Sibila Lind

Esta obra é uma co-edição PÚBLICO Comunicação Social, S.A. e Edições tinta-da-china,
com base num projecto realizado pelo PÚBLICO Comunicação Social, S.A.
em parceria com Fundação Francisco Manuel dos Santos.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO: Apagão de África, arrastão ideológico	11
1. ANGOLA	
Independência sem descolonização das mentes	19
Na rota da escravatura em Angola	55
2. GUINÉ-BISSAU	
A colónia onde todas as Fatumata tinham de se chamar Maria	63
Na rota da escravatura na Guiné-Bissau	97
3. CABO VERDE	
«Ser africano em Cabo Verde é um tabu»	105
Na rota da escravatura em Cabo Verde	133
4. SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE	
Os são-tomenses não podiam ser chefes mas resistiam a ser escravos	141
Na rota da escravatura em São Tomé e Príncipe	165
5. MOÇAMBIQUE	
Quantos milhões morreram na saga do colonialismo?	173
Na rota da escravatura em Moçambique	207
POSFÁCIO: As gramáticas da diferença que o racismo nomeou	213
Guia de leitura	227
Agradecimentos	229

*A todos os que aceitaram ser entrevistados:
obrigada pela coragem e generosidade.*

Este livro também é vosso.

<i>Abdulai Sila</i>	<i>Fernanda Pontífice</i>	<i>Manuela Lopes Mendes</i>
<i>Abraão Vicente</i>	<i>Fernando Lima</i>	<i>Márcio Cabral</i>
<i>Albertino Bragança</i>	<i>Filinto da Costa Alegre</i>	<i>Margarida Fontes</i>
<i>Ana Clara Guerra</i>	<i>Fodé Mané</i>	<i>Mário Cabral</i>
<i>Ansumane Pedro Nhoga</i>	<i>Francisco Avelino Carvalho</i>	<i>Miguel de Barros</i>
<i>António Correia e Silva</i>	<i>Francisco José</i>	<i>Miguel Francisco</i>
<i>António Quelbas</i>	<i>Francisco Noa</i>	<i>Mora Dubé</i>
<i>António Spencer Embaló</i>	<i>Francisco Rasgado</i>	<i>Nardi Sousa</i>
<i>Augusta Henriques</i>	<i>Gilberto Mendes</i>	<i>Nazaré Ceita</i>
<i>Benigna Zimba</i>	<i>Halen Armando Napoco</i>	<i>Nelvina Barreto</i>
<i>Bernícia Cotela</i>	<i>Ickx Kwizera</i>	<i>Ngoi Salucombo</i>
<i>Calton Cadeado</i>	<i>Idrissa Djalo</i>	<i>Nuno Quelbas</i>
<i>Carlos Bavo</i>	<i>Indira Mateta</i>	<i>Patricio Batsikama</i>
<i>Carlos Reis</i>	<i>Inês Raimundo</i>	<i>Paulina Chiziane</i>
<i>Celisa Quelbas</i>	<i>Inocência Mata</i>	<i>Paulo de Carvalho</i>
<i>César Schofield Cardoso</i>	<i>Isaura Carvalho</i>	<i>Paulo Faria</i>
<i>Chapane Mutiua</i>	<i>Iva Cabral</i>	<i>Raúl Calane da Silva</i>
<i>Charles Akibodé</i>	<i>João Carlos Silva</i>	<i>Redy Wilson</i>
<i>Corsino Tolentino</i>	<i>João Carlos Trindade</i>	<i>Reginaldo Silva</i>
<i>Daniilo da Silva</i>	<i>Joaquim Chissano</i>	<i>Sacerdote</i>
<i>Dario de Melo</i>	<i>Jorge Andrade</i>	<i>Saico Baldé</i>
<i>Dário Pequeno Paraíso</i>	<i>Jorge Coelho</i>	<i>Saliu Tcham</i>
<i>Dautarin da Costa</i>	<i>José Patrocínio</i>	<i>Samantha Fernandes</i>
<i>Deolinda Mendes</i>	<i>Katila Pinto de Andrade</i>	<i>Sérgio Dundão</i>
<i>Djalma Lourenço</i>	<i>Katya Aragão</i>	<i>Sizaltina Cutaia</i>
<i>Djamila Gomes</i>	<i>Keyla</i>	<i>Tasia Quelbas</i>
<i>Eclena Barros</i>	<i>Killa Z</i>	<i>Tassiana Tomé</i>
<i>Edson Liver</i>	<i>Kwame de Souza</i>	<i>Tcherno Culabio Ba</i>
<i>Eduardo Malé</i>	<i>Leopoldo Amado</i>	<i>Teodora Inácia Gomes</i>
<i>Eduardo Quirve</i>	<i>Luaty Beirão</i>	<i>Teotónio Torres</i>
<i>Eliana Nzualo</i>	<i>Lúcia Cardoso</i>	<i>Teresa Cruz e Silva</i>
<i>Elias Isaac</i>	<i>Lúcia da Silveira</i>	<i>Tomás Vieira Mário</i>
<i>Epifânia Langa</i>	<i>Luis Fernando</i>	<i>Tosh</i>
<i>Eufémia Vicente Rocha</i>	<i>Máisa Bom Jesus</i>	<i>Ungulani Ba Ka Kbosa</i>
<i>Eva Trindade</i>	<i>Mamadú Baldé</i>	<i>Witnei Alda Chamusso</i>
<i>Evandra Moreira</i>	<i>Manuel Jorge Carvalho do Rio</i>	<i>Zelinda Coben</i>

INTRODUÇÃO

APAGÃO DE ÁFRICA, ARRASTÃO IDEOLÓGICO

Quando me perguntam por que razão me interesso pelas questões raciais, costumo responder com uma frase: «Cresci com alguns colegas negros na primária, um ou dois no liceu, e nenhum na universidade.»

Nessas carteiras de escola ouvi sempre a mesma versão da história do colonialismo, ensinada pelos portugueses. Mesmo quando havia crítica, apresentava-se Portugal como «bom colonizador»: um colonizador que se misturou com as populações, que nunca exerceu sobre os povos colonizados a violência que outros colonizadores exerceram. Raramente visto como um sistema racista, o colonialismo português não era questionado como tal. Prova disso é que os portugueses continuam a falar de si próprios enquanto descobridores e enquanto povo integrador.

Portugal tem uma população negra significativa desde que se iniciou o horror que foi o comércio de escravos no século xv, e mais tarde recebeu uma vaga de imigração africana, primeiro nos anos 1960 e depois no pós-25 de Abril. O facto de, ainda hoje, não existir qualquer correspondência entre o número de negros que vemos na rua e o número de negros em lugares de liderança na sociedade é, no mínimo, surpreendente. A ausência de representatividade de uma fatia expressiva da sociedade portuguesa — fatia essa usada como bandeira de cosmopolitismo da população por

algumas entidades oficiais — espelha um sistema que discrimina pela cor da pele. Porém, em Portugal reflecte-se pouco sobre o papel dos portugueses enquanto colonizadores e, especificamente, sobre a sua responsabilidade no desequilíbrio das relações raciais entre brancos e negros, bem como sobre a sua responsabilidade na criação e na persistência do racismo.

Entre 2009 e 2011, passei dois anos sabáticos a estudar as questões raciais nos Estados Unidos e em Inglaterra, e dei-me conta disto mesmo: que a produção crítica sobre o papel do Ocidente na discriminação racial era imensa em língua anglo-saxónica, mas muito rara em português.

Foi então que, como jornalista do *Público*, propus à direcção do jornal fazer um projecto de cinco reportagens nas cinco ex-colónias africanas para questionar a herança colonial, ao qual se associou a Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Em 2015, 40 anos depois da descolonização, fui perguntar até que ponto persistem, ainda hoje, as ideias de raça espalhadas por Portugal nesses países, como é que as populações dos países colonizados olham para o papel de Portugal enquanto colonizador, e se a versão dos portugueses como bons colonizadores, que se misturaram com as populações colonizadas, ainda vingam até hoje. Como era aplicada a segregação baseada na raça, e que tipo de violência Portugal, enquanto sistema colonial, exerceu? O colonialismo português foi um regime racista?, perguntei aos meus mais de cem entrevistados, quase todos citados nestas páginas. Não querendo substituir o papel dos académicos, que naturalmente abordariam estas questões de forma diferente e com outra profundidade, a ideia era problematizá-las dando voz a quem não tem sido ouvido — uma das missões do jornalismo.

O trabalho foi feito em cinco viagens, cada uma a um país diferente: Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe,

e Moçambique. Em cada país escolhi uma amostra de entrevistados proporcional ao número de habitantes. O objectivo era reunir vozes que representassem as diferenças existentes: de classe social, de género, de situação profissional, de origem geográfica, de experiência pessoal, de interpretação. Quis registar o discurso de alguém que olha para a sociedade e para a história com uma visão global, e ter o testemunho de quem sofreu na pele a dureza do regime. Interessou-me ouvir o passado e saber que marcas persistem desse passado ainda hoje.

Consciente do meu lugar de privilégio — o de jornalista branca de um país que tem dominado a versão do que foi a história colonial —, procurei, na escrita das reportagens, dar primazia aos testemunhos pessoais. Mais do que tecer julgamentos sobre se o que as pessoas contaram estava certo ou errado, quis sobretudo ouvir o que sentem e como olham para a discriminação racial exercida pelos portugueses durante o colonialismo, que narrativas perduram em cada país, que cicatrizes permanecem. Quis ouvir a sua versão da história.

Houve temas recorrentes nos cinco países e testemunhos de experiências de racismo muito parecidas — em alguns casos mantive essa repetição para sublinhar aspectos globais, noutras decidi não os incluir para evitar duplicação de testemunhos.

Tive a preocupação de mostrar que o colonialismo foi diferente em cada país, não só porque o sistema, também ele diferente consoante as épocas, adoptou políticas diversas, mas também porque cada um desses países tem, naturalmente, as suas especificidades.

*

Entretanto, surgiu a ideia de fazer uma Rota da Escravatura, tema indissociavelmente ligado ao colonialismo. Porque Portugal viria a ser, afinal, o primeiro país a transportar pessoas escravizadas de África para as Américas, ou seja, o grande iniciador daquela que ficou conhecida como uma das maiores atrocidades da história mundial. Deu início à prática de tráfico de seres humanos no século xv, prática que só seria abolida quatro séculos depois.

É difícil estabelecer com rigor o número de homens e de mulheres que foram escravizados ao longo deste período, mas os dados mais citados são os que indicam que, entre 1501 e 1866, cerca de 12 milhões embarcaram de África para as Américas, e dois milhões não chegaram ao destino.

Condenado no Congresso de Viena, em 1815, o comércio de escravos foi abolido em 1836, mas o tráfico continuou a ser praticado clandestinamente. Inglaterra decretou a abolição da escravatura em 1833, por meio de uma lei que atribuía compensações financeiras aos donos de pessoas escravizadas. Na década de 1850, o marquês de Sá da Bandeira decretou a abolição da escravatura em Portugal e estabeleceu um prazo de 20 anos para os libertados serem efectivamente livres — mas o fim oficial da escravatura só aconteceu em 1878.

Usando as populações dos países ocupados, Portugal tornou-se um dos principais actores deste comércio, seguido de Inglaterra, França, Espanha e Holanda. Os homens e mulheres eram levados para trabalhar nas plantações de algodão, de açúcar e de café nas Américas, transformando-se na principal fonte de mão-de-obra destas novas economias.

Embora alguns tenham tido mais destaque do que outros, a verdade é que os cinco países africanos colonizados por Portugal se tornaram uma fonte de produção de homens transformados em

objectos e em mercadoria humana. Só Angola, aliada ao Congo, representou quase 40% do mercado de escravos a nível mundial.

Acompanhada por um historiador especialista na matéria em cada país, fiz uma visita guiada a lugares históricos em busca de uma possível Rota da Escravatura, salvo óbvias limitações geográficas. Para complementar cada reportagem do *Racismo em Português*, publica-se uma «Rota da Escravatura» no país correspondente. Funciona como uma espécie de banda histórica, acrescentando contexto para quem quiser saber mais.

Acabo esta jornada que me ocupou mais de um ano com a visão de que o racismo colonial foi um apagão e um arrastão: apagão da cultura africana, obrigando as populações a despirem-se de toda a sua identidade; e um arrastão ideológico, porque contaminou mentalidades de todos os quadrantes e durante séculos, de tal forma que até hoje se verificam os seus efeitos.

Termino esta introdução com uma nota de perplexidade: como é possível que, até hoje, nunca tenha existido um Museu da Escravatura em Portugal? E coloco ainda mais umas perguntas: porque não nos é ensinado na escola que existiu em Angola e em Moçambique um *apartheid* alimentado por Portugal? Porque insistimos num olhar benevolente sobre um Portugal que não hesitou em promover o trabalho escravo até 1974? Vamos perpetuar a narrativa de um colonizador que não discriminava porque se miscigenou com as populações locais, quando sabemos que as obrigava a despirem-se da sua identidade africana, a mudar de nome, a alisar o cabelo ou a obliterar a sua língua? Até quando iremos contribuir para uma mentalidade acrítica sobre um dos fenómenos mais violentos da nossa história? Finalmente: o que revela esta perspectiva de brandura de olhar sobre nós próprios, portugueses?

I
ANGOLA

GUIA DE LEITURA

- The Black Atlantic*, de Paul Gilroy (Verso).
- Pele Negra, Máscaras Brancas*, de Frantz Fanon (Paisagem Editora).
- Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre (Editora Record).
- Crítica da Razão Negra*, de Achille Mbembe (Antígona).
- Discurso sobre o Colonialismo*, de Aimé Césaire (Sá da Costa).
- Epistemologias do Sul*, organização de Boaventura Sousa Santos e Maria Paula Meneses (Edições Almedina).
- O Fazedor de Utopias: Uma Biografia de Amílcar Cabral*, de António Tomás (Tinta-da-china).
- A Herança Africana em Portugal – Séculos XV-XX*, de Isabel Castro Henriques (CTT – Correios de Portugal).
- História de Angola*, de Douglas Wheeler e René Pélissier (Tinta-da-china).
- História da Escravatura*, de James Walvin (Tinta-da-china).
- Uma História de Regressos – Império, Guerra Colonial e Pós-Colonialismo*, de Margarida Calafate Ribeiro (Edições Afrontamento).
- Livros Brancos, Corpos e Almas Negras: A «Missão Civilizadora» do Colonialismo Português (c. 1870-1930)*, de Miguel Bandeira Jerónimo (Imprensa de Ciências Sociais).
- Em Nome do Povo*, de Lara Pawson (Tinta-da-china).
- O Que É Racismo*, de Jacqueline de Jesus, Paulo de Carvalho, Rosália Diogo e Paulo Granjo (Escolar Editora).
- Obras Escolhidas, Amílcar Cabral, Unidade e Luta*, de Amílcar Cabral (Fundação Amílcar Cabral).
- Passagens para África: O Povoamento de Angola e Moçambique com Naturais da Metrópole (1920-1974)*, de Cláudia Castelo (Edições Afrontamento).
- «Portugal's Civilizing Mission in Guinea-Bissau: Rhetoric and reality, de Peter Mendy», in *International Journal of African Historical Studies*, vol. 36/n. 1.

- Portugal e a Escravatura dos Africanos*, de João Pedro Marques (Edição Instituto de Ciências Sociais).
- Portugal não É Um País Pequeno*, de Manuela Ribeiro Sanches (Edições Cotovia).
- Racismos – Das Cruzadas ao Século XX*, de Francisco Bethencourt (Temas & Debates).
- The Slave Trade: The Story of the Atlantic Slave Trade: 1440-1870*, de Hugh Thomas (Touchstone).
- On Sociology and the Black Community*, de W.E.B. Du Bois (The University of Chicago Press).
- Um Mar da Cor da Terra. «Raça», Cultura e Política da Identidade*, de Miguel Vale de Almeida (Celta).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a todos os entrevistados, sem os quais teria sido impossível recolher o imenso material que dá origem a este livro e que permitiu contar as histórias do *Racismo em Português*.

Agradeço à Fundação Francisco Manuel dos Santos, que desde logo acreditou neste projecto e incentivou e apoiou a sua produção, e ao editor António Araújo, por defender a sua conversão em livro. À Bárbara Reis, por ter acreditado que era importante este trabalho ser feito pelo jornal *Público*. À jornalista inglesa Lara Pawson, que me desafiou a pensar que era possível concretizar um plano tão ambicioso. Ao Frederico Batista, que realizou os documentários a partir destas reportagens e foi o companheiro das incertezas no terreno. Às minhas editoras no *Público*, Paula Barreiros e Francisca Gorjão Henriques, que me ajudaram a tornar a leitura das reportagens mais interessantes. À Bárbara Bulhosa, pelo entusiasmo com que aceitou juntar-se a este projecto e publicar o livro, e à equipa da Tinta-da-china, com quem me senti em casa. Ao Luís Mah, que há muitos anos me estimulou a aprofundar estes temas. Às pessoas que ao longo da vida me fizeram perceber os graus de impacto do racismo em todas as suas formas. Ao Ricardo, por tanta coisa. Aos meus pais, que me ensinaram a tentar olhar o mundo com os olhos de quem não teve a sorte de nascer num

lugar privilegiado como o nosso. E agradeço ainda a muitos que me ajudaram na produção deste trabalho, como António Tomás, Aoní d'Alva, Elisabete Azevedo, Filipa Larcher, Flávio Almada, Francisco Carmona, Isabel Castro Henriques, Jakilson Pereira, Joana Vasconcelos, Joana Sá, Júlia Alinho, Laura Amadori, Manuel Roberto, Margarida Marques, Paula Simons, Rafael Marques, Ricardo Soares de Oliveira, Romualda Fernandes, Terezinha da Silva, Yussuf Adam, entre tantos outros que, perdooem, poderei ter-me esquecido de mencionar.

RACISMO EM PORTUGUÊS

*foi composto em caracteres Hoefler Text
e impresso pela Guide, Artes Gráficas,
sobre papel Coral Book de
90 gramas, em Jumbo
de 2016.*

